



## **A Voz do Acampamento<sup>1</sup>**

Alexsandra SOMERA<sup>2</sup>

Gabriele WELTER<sup>3</sup>

Leoní SERPA<sup>4</sup>

Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

### **RESUMO**

A ocupação de terras pelas famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é uma das formas usada por elas para pressionar o Governo a agilizar a Reforma Agrária. Conhecida como acampamentos do MST, a ocupação pode durar dias ou meses. Na espera por terra, as famílias chegam a morar anos em baixo de lonas. Não é raro as informações sobre os acampamentos chegarem distorcidas para a sociedade e mesmo para quem esta nos acampamentos. Diante da lamentação das famílias para com o compromisso social dos meios de comunicação da região, nos propomos a desenvolver junto a um acampamento, um produto de Comunicação Comunitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** acampamento; comunicação; rádio; inclusão; terra.

### **INTRODUÇÃO**

O presente projeto desenvolvido no componente curricular de Comunicação Comunitária I, busca mostrar novas formas de comunicação para a comunidade regional. Os meios de comunicação de massa da região Extremo-Oeste Catarinense, na maioria das vezes, utilizam a prática de uma comunicação vertical em sua programação. Nem sempre levam em consideração o que os ouvintes e leitores querem ouvir/ler. O acesso as informações é facilitada pelos diversos programas radiofônicos e jornais periódicos

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 12.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social, email: alesomerinha@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Comunicação Social, email: gabriele\_welter@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: leoni@unoescsmo.edu.br.



regionais, no entanto, a participação no processo de construção da notícia ou programas é limitada.

A comunicação comunitária trabalha com as expectativas do receptor quanto ao que será divulgado. É dele que depende tudo o que será noticiado no veículo, trata-se de uma comunicação mais simples que pode ser desenvolvida dentro da própria comunidade, como um jornal mural ou um jornal de bairro, ou mesmo um produto radiofônico para ser veiculado numa rádio poste, por exemplo. A população, mais que entretenimento, busca informações que possam melhorar seu dia-a-dia. Essas informações podem ser do tipo previsão do tempo; mercado financeiro; política local; etc.

Ao escolhermos o acampamento São Roque, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no município de Campo Ere, levamos em consideração o fato de se tratar de um grupo já organizado, com características próprias de uma organização comunitária coletiva, tendo como exemplo outros acampamentos que passaram pelo mesmo processo e foram transformados em assentamentos da Reforma Agrária.

O contato com as famílias do acampamento possibilitou a desenvolvimento de um documentário radiofônico focando a realidade das famílias antes de integrarem o Movimento Sem Terras; o processo de construção e organização do acampamento, e o sonho dessas pessoas em ganhar a terra através da reforma Agrária.

## **2 OBJETIVO**

Mostrar para a comunidade acadêmica como é organizado um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras – MST. Ao mesmo tempo, proporcionar às famílias deste acampamento o contato com estudantes de Comunicação Social e a participação em um programa midiático alternativo.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A Comunicação possibilita aos acadêmicos de Comunicação Social – Jornalismo o contato com realidades distintas, por vezes vistas preconceituosamente pelos próprios estudantes por falta de informações ou contato com o diferente.

Com poucas exceções, as famílias acampadas são associadas diretamente a desocupados e arruaceiros que pretendem tirar a terra de outras pessoas.

Diante deste conceito pré-estabelecido pela sociedade, nos propomos a desenvolver com as famílias (mulheres, homens, crianças, jovens e idosos) do Acampamento São



Roque, organizado pelo MST no município de Campo Erê, um programa de rádio com a participação dos integrantes do acampamento. Eles terão a oportunidade de decidir como querem que o trabalho seja organizado e o que deverá ser abordado nos relatos dos entrevistados: a realidade anterior ao acampamento, a vivência no acampamento e os sonhos que cada um alimenta na espera de terra onde possam produzir.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O trabalho tem início após a primeira visita feita ao acampamento no dia 21 de setembro de 2008, à tarde. Foi uma visita para conhecer o local e interagir diretamente com as pessoas que compõem o acampamento a fim de perceber a reação e o interesse dos componentes com relação ao desenvolvimento do projeto de comunicação comunitária proposto.

Tendo em vista o receio dos integrantes do acampamento em participar da elaboração de um produto de comunicação com acadêmicas de Comunicação Social – Jornalismo, sentiu-se a necessidade de apresentar um projeto de Radiojornalismo e outro de Jornal Impresso, com suas respectivas diferenças e a finalidade a que se destinavam. Nesse processo procuramos deixar claro o papel de cada um na construção do programa. Diante de uma linguagem que pode ser interpretada por jovens idosos, adultos e crianças, sem haver a necessidade de maiores informações sobre o que o grupo ouvir a respeito da própria história da comunidade.

Depois de escolher o tipo de mídia a ser trabalhada, definimos o que seria veiculado/apresentado por meio de nossos entrevistados. Muitas foram as idéias mencionadas pelos integrantes do acampamento. Recolhemos todas e fizemos uma seleção. Alguns temas eram idênticos e poderiam ser agrupados, então esquematizamos a programação. Organizamos de tal forma a atender às principais reivindicações do grupo – dizer de onde as famílias vieram e a realidade em que viviam; o processo de construção do Acampamento e os sonhos que alimentam com a possibilidade de serem assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

Partimos para a fase das entrevistas, onde tivemos grande receptividade, graças à primeira visita e a familiarização com o local. Tentamos contemplar todas as famílias, ouvir a voz das mulheres, dos jovens e idosos para não caracterizar um produto machista e



centralizado no que definimos como os chefes ou pais de famílias. Observamos também a reação das crianças com a nossa presença. Conversamos com elas sobre o acampamento e a escola. Foram convidadas para estarem presentes na realização das entrevistas, tanto que a participação delas é notada como som ambiente na elaboração do programa. A contribuição delas é subjetiva, mas importante para descrevermos o acampamento.

Com as entrevistas feitas passamos para a fase de análise e edição do material e gravação do programa. Separamos as sonoras de maneira a caracterizar os três blocos do documentário.

A apresentação do produto final aos componentes do Acampamento São Roque foi realizada com um aparelho de CD a pilhas, uma vez que não há energia elétrica no local. O CD com o programa ficou a disposição dos membros do acampamento para ser utilizado quando julgarem preciso e mesmo a título de arquivo e memória do grupo.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

“Os movimentos balizam-se sempre numa perspectiva de auto-emancipação, liberdade e autonomia. Isso traz contribuições fundamentais para o debate de idéias e um elenco diversificado de pistas de ação” (PERUZZO, 2004, contra-capá). Ao escolhermos o canal a ser utilizado, levamos em consideração os custos e a participação efetiva da comunidade no desenvolvimento e prática do trabalho proposto. Assim em discussão feita com os coordenadores do Acampamento para esclarecimento do projeto a ser construído com seus membros, decidiu-se pela realização de um programa de rádio que contemple alguns aspectos essenciais para o grupo. Entre eles: contar a história das famílias que convivem no acampamento desde agosto de 2008; ilustrar o processo de construção e organização do local; mostrar os sonhos das famílias com relação à conquista da terra através da Reforma Agrária e a possibilidade de produzir alimentos para a subsistência da família.

Escolhemos o rádio, entre outros motivos, porque praticamente nenhum morador do Acampamento ouviu a própria voz no meio radiofônico, assim como nunca viram suas fotos em jornais locais. Nem todos sabem ler, mas todos os integrantes do acampamento poderão sentir-se parte na construção do produto pelo fato de entenderem a linguagem usada pelo rádio.



O produto de rádio consistirá em uma reportagem que será dividida em três blocos. O primeiro trará algumas informações sobre o histórico do grupo, o ponto de partida da reportagem é a exclusão social. O segundo bloco dará maior ênfase à organização interna, como funcionam os setores, como é a educação e a forma de comunicação do grupo. O terceiro e último bloco tem como ponto de chegada a inclusão e os sonhos, fazendo uma comparação de como eram as comunidades onde eles viviam e como é hoje.

Segundo Ramonet (2007), o rádio mantém maior confiança, apesar de todas as mídias serem manipuladas conforme interesses particulares. Mesmo assim o rádio possibilita que a criança, o jovem, o adulto, o vovô, a mãe, o coordenador, enfim, que a comunidade em si, ouça seus ‘ gritos’ e vozes, mesmo que seja a partir de um programa criado especialmente para eles. O grupo terá a oportunidade de saber como é ser a ‘ fonte’ , ser a ‘ voz’ que fala para dezenas de pessoas ouvirem.

Isso cria expectativas porque o programa será feito a partir da realidade das pessoas, o que não é costumeiro na vida da comunidade. Segundo Cíclia Peruzzo,

os grandes veículos são importantes, mas não permitem dar vazão a todas as necessidades, não lhes sendo até mesmo possível tratar, por exemplo, das questões que dizem respeito bem de perto a vida das pessoas, no local de moradia, como trabalho ou estudo (PERUZZO, 2004, pg. 300).

Um projeto de comunicação comunitária é desenvolvido por membros de uma comunidade com objetivos semelhantes. “É no dia-a-dia, dentro de uma realidade de carência de consciência política e de recursos financeiros e técnicos, que se exercita a comunicação popular participativa, na mediada do possível” (PERUZZO, 2004, pg 300). Isso pode se dar na comunicação interna, na divulgação de uma ideologia ou ainda para questionar os meios de comunicação convencionais de massa.

Segundo Marcondes Filho (1987), a proposta para um jornalismo comunitário não é apenas a abordagem mercadológica dos problemas do ouvinte/leitor. É também o empenho em organizar os movimentos sociais e unificar esforços individuais em defesa de interesses comuns menosprezados pela sociedade.

## 5.1 MEMORIAL DESCRITIVO

Quem vai a cidade de Campo Erê, Extremo-Oeste Catarinense percebe na geografia e na paisagem que se desenha pelo caminho a relação destas terras com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Nesse percurso não se nota



pequenas propriedades rurais. São dezenas de hectares de terra nos quais praticamente não há muitas moradia ao alcance da vista. Plantações de milho, soja e produção de gado de corte são as características mais marcantes do município.

O Acampamento do MST se situa antes de chegar a cidade de Campo Erê, cerca de quatro quilômetros da SC 473, em uma área cuja a terra e alugada pelos proprietários a terceiros. Na localidade apenas pasto, não ha animais em cima das pastagens.

A construção dos barracos, de forma coletiva, é organizada de forma a facilitar a segurança do grupo. Estão próximos e alinhados sob árvores que ajudam a proteger do sol e da chuva. Divididos em núcleos, são os integrantes do acampamento que fazem a segurança (guarita, como é chamada por eles). Na entrada já se pode ter uma noção da organização do acampamento. Há uma corda espichada no meio da estrada e pessoas responsáveis pela vigia do local. Antes de permitir a entrada de algum estranho é necessário saber o que eles procuram. Como já havíamos avisado que vínhamos nossa entrada foi facilitada, porém houve primeiro uma revista no carro, já que é proibida a entrada de bebida alcoólica no local.

Depois da guarita, e da quantidade de barracos agrupados, o que chama a atenção é um disco pendurado em uma árvore. Serve como sinal de comunicação interna no caso de problemas com saúde, na segurança, silencio ou chamar para assembléia.

Aos poucos foram aumentando o número de barracos. O fogão a lenha muitas vezes são algumas pedras com latas para fazer a chapa. Panelas surradas pelo tempo. Chaleiras velhas. Alias, ali não falta chimarrão. Banho na sanga. Água armazenada em baldes. Como passa tempo, jogo de bola em campo improvisado, baralho, cantoria e bate-papo.

No pátio algumas galinhas, cachorros e gatos. As crianças passeiam livres entre os barracos, sempre curiosas e cuidadas por todos. Em um turno elas estudam, em outro ficam atoa. Para as crianças em idade escolar entre primeira e quarta séries têm aula no acampamento mesmo, com base nas escolas itinerante do MST. As maiores estudam na cidade de Campo Ere.

Abrigaram-nos no galpão ainda cheirando a adubo, que serve de escola para as crianças. Ali se reuniram os coordenadores de cada núcleo para conversar com a gente. De inicio desconfiados. Aos poucos ficaram a vontade. Sentiram confiança na nossa proposta de trabalho e começaram a falar sobre o que gostariam de ver abordado no programa.



Depois dessa conversa esclarecedora, fomos conhecer o acampamento. Os barracos, a pracinha, o terreno onde seria a horta, o espaço destinado ao plantio de batatinhas, feijão e milho.

A alimentação é proveniente de doações de entidades, das famílias de quem está no Acampamento e das reservas financeiras que ainda possuem. Nem sempre o governo garante a sexta básica.

Em resumo, a realidade não é fácil, por vezes, segundo eles, desanimadora. No entanto, muitos deles ressaltam que se sentem muito mais valorizados dentro do acampamento do que fora dele. No olhar desses homens e mulheres de cidades diferentes, até então desconhecidos, está a esperança de conseguir terra para começar uma nova forma de viver.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Quando apresentadas a proposta de estudo, não imaginamos que pudesse render este documentário. Encaramos o projeto como um desafio e também como uma conquista. Percebemos que ‘e poss’ível fazer comunicação com comunidades, independente se esta for de italianos, de agricultores ou de movimentos sociais. Esse tipo de comunicação dá força aos movimentos sociais, e aí também se justifica a escolha da comunidade para a qual resolvemos desenvolver o projeto.

Tornamos presente o modelo idealizado por Paulo Freire, inspirador da corrente latino-americana da comunicação comunitária que é baseado no diálogo e na participação. A comunicação para ser efetiva não precisa vir de uma grande mídia, pode ser produzida dentro da própria comunidade, partindo de conhecimentos da própria população e das suas necessidades. Saber o que se passa em uma comunidade é essencial para que se faça um trabalho de comunicação comunitária.

O contato com este tipo de trabalho com certeza enriquece a bagagem de cada um, principalmente quando se tratam de comunidades que não conhecíamos, ou tínhamos vago contato. No caso do acampamento sem-terra durante o trabalho, puderam ser esclarecidas diversas questões que são abordadas de maneira equivocada pela mídia ou não chegam a ser abordadas.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem ?**: Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Petrópolis, 1987.

PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação nos movimentos populares**. A participação na construção de cidadania. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 141 p. ISBN 8532622178